



**Mesa 04: Telejornalismo em mutação – tecnologia, inovação, linguagem e narrativas**

**Setenta anos de telejornalismo no Brasil: continuidades e rupturas na construção do gênero noticioso mais popular da TV**

**FINGER, Cristiane<sup>1</sup>**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

**MUSSE, Christina Ferraz<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

**Resumo:** O artigo faz uma reflexão sobre a trajetória do telejornalismo brasileiro em setenta anos de história. Tomando como paradigma quatro indicadores: tecnologia, inovação, linguagem e narrativas, procura-se identificar e interpretar o telejornalismo praticado nas TVs brasileiras, a cada uma dessas sete décadas, com o objetivo de contribuir para a historiografia do gênero informativo mais importante da televisão no país. Através de uma linha do tempo é possível analisar como as mudanças tecnológicas reconfiguraram o fazer dos profissionais nas emissoras. Por outro lado, o telejornalismo transbordou para outros meios, plataformas e dispositivos, houve então uma mudança na sua relação com os públicos, muito além do aparelho de TV. Para o estudo são utilizados entre outros autores: Mattos (2010); Rezende (2010); Barbosa (2013); Ribeiro, Roxo e Sacramento (2010); Machado (2000); Tourinho (2009) e Scolari (2018).

**Palavras-chave:** Telejornalismo; história; tecnologia; linguagem; narrativa.

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Curso de Jornalismo da Famescos-PUCRS. Membro Permanente do PPGCOM-FAMECOS/PUCRS. Coord. do Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência (GPTV). Diretora Regional Sul INTERCOM. Vice-Presidente da Associação Riograndense de Imprensa -ARI. [cristiane.finger@puccrs.br](mailto:cristiane.finger@puccrs.br)

<sup>2</sup> Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia – ALCAR. Vice-coordenadora do PPGCOM/UFJF. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória - COMCIME. [cferrazmusse@gmail.com](mailto:cferrazmusse@gmail.com)



## **A título de Introdução: temporalidades e espacialidades do telejornalismo**

Na apresentação de um dos muitos livros já publicados pela Rede de Pesquisadores em Telejornalismo - Telejor -, o professor Antônio Hohlfeldt abria o texto com essas palavras: “A televisão é uma unanimidade no país. Não que estejamos sempre de acordo com ela. Mas ela está sempre conosco”. (HOHLFELDT, 2010, p.13). E completava: “A nacionalidade passa pelas imagens da televisão. Nossa identidade é mediada pela televisão” (id. ibid., p.13). Não precisamos nem apresentar os dados que nos mostram que a TV habita quase 100% dos lares brasileiros. Isso atualmente não faz tanta diferença, porque a TV sofreu uma metamorfose, de lagarta, presa a um móvel ou lugar da sala de casa, ganhou asas de borboleta, e voou para outras telas que não param de se multiplicar. Hoje, ao contrário de 70 anos atrás, quando foi inaugurada no país, com pompa e circunstância, pelo magnata da imprensa Assis Chateaubriand, a televisão se reinventou.

Este artigo procura trazer mais uma contribuição à historiografia do telejornalismo no país. Neste caso, não vamos escapar da ideia de traçar uma linha do tempo, representação problemática, porque pode nos iludir com a perspectiva de uma evolução constante, quando essas sete décadas também nos trazem reapropriações e reciclagens, isto é, há idas e vindas, em especial quanto às linguagens e narrativas, mas a tecnologia muda de fato a forma de produção e de consumo de conteúdos e, mais que isso, a relação da narrativa telejornalística com os dois referenciais mais importantes da modernidade: o espaço e o tempo. É a partir da materialidade da tela, antes imóvel no centro da sala de estar da alta burguesia urbana, presa à disciplina do tempo, hoje, dispersa pelo espaço e flexível aos horários, que procuraremos entender as mutações do telejornalismo.



## Em ritmo de samba canção, mas flertando com a bossa nova

A TV era ao vivo, mas o telejornalismo era refém do tempo. O primeiro telejornal brasileiro, *Imagens do dia*, na TV Tupi de São Paulo<sup>3</sup>, tinha na verdade pouca imagem: os filmes de 16mm, preto e branco, sem som precisavam ser revelados, montados, e, finalmente, projetados em um suporte no estúdio. (MELLO, 2011). O locutor narrava a notícia com um tom radiofônico, ao vivo, sobre as imagens captadas pelas câmeras. As pautas eram inspiradas pelos impressos, muitas vezes, a única ilustração era uma fotografia.

Mas, como observado por Mello, havia algo de mágico e sedutor, naquele mobiliário no centro da sala de estar: “Ao permitir a *tele visão*, isto é, a visão de algo que estava longe do olhar, dentro do ambiente doméstico, uma nova realidade de comunicação estava a ser instalada”. (2011, p. 263). Foi também o que sugeriu Marialva Barbosa (2013), para ela, a TV era capaz de aproximar o que era público do universo privado e cômodo do lar. Mas, naquela época, o aparelho, segundo José Inácio de Melo e Souza, ainda era regido pela “força centrípeta”, isto é, a TV não permitia a mesma liberdade do rádio, que o ouvinte escutava, em outro cômodo, ou realizando outra atividade. Na década de 1950, em que o número de aparelhos domésticos era muito pequeno, e a qualidade das transmissões deficiente, o fascínio pela TV se concretizou numa forma nova de sociabilidade: o televisorinho, palavra que tem lugar até hoje nos dicionários: “telespectador que, não possuindo televisor próprio, assiste a programas transmitidos pelo aparelho do vizinho”. (FERREIRA, 2009, p. 1929).

Nessa fase dos primeiros telejornais, Mello destaca que os cinegrafistas eram oriundos do cinema e a narrativa tinha forte influência dos cinejornais. “Os cinejornais eram noticiários exibidos nos cinemas antes do filme principal, e apresentavam imagens dos acontecimentos da semana, notícias de desporto e, na maioria das vezes, informações ligadas à agenda dos governantes. (2015, p.6).

---

<sup>3</sup> O telejornal *Imagens do dia* foi veiculado, pela primeira vez, no dia 19 de setembro de 1950, um dia depois da inauguração da PRF-3-TV Tupi de São Paulo.



Em 1952, o *Telenotícias Panair* sucede o *Imagens do dia*, na TV Tupi de São Paulo. No mesmo ano, a TV Tupi do Rio de Janeiro, coloca no ar o *Repórter Esso*<sup>4</sup> que, até 1970, foi um campeão de audiência. “O *Repórter Esso* foi adaptado pela Tupi Rio de um radiojornal de grande sucesso transmitido pela *United Press International (UPI)*, sob a responsabilidade de uma agência de publicidade que entregava o programa pronto.” (MATTOS, 2010, p. 28). Mello faz uma pequena descrição do telejornal:

A vinheta de abertura do programa na TV reproduzia o áudio dos acordes dos clarins e tambores que identificavam o programa *Repórter Esso* do rádio, enquanto era exibida a imagem de um globo terrestre rodeado por nuvens, em tons de cinza, preto e branco. O cenário do estúdio era simples, formado por bancada, cortina ao fundo com a logomarca do patrocinador e um microfone. O enquadramento era fechado no locutor apresentador, figura principal da cena, quando este apresentava as notícias em tom solene. (2015, p. 10).

A experiência da primeira década de telejornalismo brasileiro mostra-se como aquele período de pioneirismo e aventura, em que a televisão ainda não tinha se estruturado como negócio, sendo assim, ainda era mais uma curiosidade, do que um veículo de massa, que, apenas na década seguinte, mudaria a imagem que temos do mundo e do cosmo.

### **“A terra é azul” (e não é plana)**

Foi em 12 de abril de 1961 que o cosmonauta russo Yuri Gagarin, o primeiro a orbitar em torno da terra, pronunciou a frase, simples e poética, que marcou o início da corrida espacial. Naqueles anos de Guerra Fria, essa disputa significou muito mais do que lirismo, mas investimentos pesados em tecnologia, em especial, nos satélites de comunicação, que romperiam em definitivo com os referenciais de espaço e tempo, permitindo que, apenas oito anos depois, em 21 de julho de 1969, milhões de telespectadores pelo mundo assistissem extasiados ao astronauta americano Neil Armstrong dar o primeiro passo na Lua, embora, no Brasil, ainda em preto e branco.

---

<sup>4</sup> O programa *Repórter Esso* foi ao ar pela primeira vez às 12h55m do dia 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O sucesso radiofônico, ganhou, na TV, o aposto *O Seu Repórter Esso*. Leia mais: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/testemunha-ocular-da-historia-reporter-esso-fez-sucesso-no-radio-na-tv-19930939#ixzz6TPvwtLMm> Acesso em: 15 jul. 2020.



Os meios técnicos da televisão foram sendo desenvolvidos rapidamente durante a década de 60. As câmeras foram diminuindo até chegarem ao tamanho portátil; o processo de imagens coloridas, existente nos Estados Unidos desde 1953, foi sendo aperfeiçoado e o sistema de satélites, inaugurado em 1967, rompia definitivamente as barreiras do tempo, dando quase a instantaneidade entre o acontecimento e sua transmissão. (BIAGI, 2004, p. 101).

Em sua pesquisa nos acervos do Arquivo Nacional e da Cinemateca Brasileira, Edna Mello registra a estética realista de captação de imagens e sons, durante a cobertura da guerra do Vietnã:

No acervo atribuído ao Telejornal “*O Seu Repórter Esso*” localizamos filmes que trazem o registro do local do acontecimento, sugerindo a presença do repórter cinematográfico, do repórter e em alguns casos, do técnico de som, ao lado dos soldados, direto do *front*. O material encontrado também revela a valorização do som dos combates. Três reportagens trazem som direto dos bombardeios e a artilharia em plena atividade. (2015, p. 11).

O realismo das imagens de guerra foi acompanhado de forma muito próxima pela audiência e isso mudou a visão do mundo sobre o conflito. Noite após noite, de 1965 em diante, o horror da guerra chegou aos lares norte-americanos, inspirando na opinião pública dos EUA sentimentos iniciais de apoio total, substituídos depois por exaustão e repúdio. Até hoje, dizem os historiadores, a guerra do Vietnã foi o evento que mereceu a mais extensa cobertura de TV. (GIANUCA, 2005).

No Brasil, não havia guerra, mas os conflitos da ditadura. Neste cenário, no dia primeiro de setembro de 1969, a TV Globo lançaria o seu “Boeing”<sup>5</sup> no ar, o *Jornal Nacional*, o primeiro telejornal em rede do país<sup>6</sup>. Algumas das matérias exibidas na estreia tinham sido gravadas em fitas magnéticas de videotape – VT -, mas várias outras tiveram suas imagens feitas em película: filmes em preto e branco, 16 milímetros, em negativo, som óptico. “Montar os filmes que entrariam em um jornal, àquela época, era um trabalho artesanal, penoso, nem sempre bem sucedido.” (SOUZA, 1984, p.17).

---

<sup>5</sup> A analogia entre a decolagem de um Boeing e a emissão do *Jornal Nacional* foi imaginada pelo diretor da Central Globo de Jornalismo, Armando Nogueira, no dia da estreia do programa.

<sup>6</sup> Na verdade, apenas o Tronco Sul da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações, criada em 1965) havia sido inaugurado, assim, somente as capitais destes estados estavam ligadas em rede e geraram imagens para o telejornal. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/tecnologia/>. Acesso em 24 jul. 2020.



O *Jornal Nacional (JN)* em pouco tempo se transformaria no líder de audiência do horário. Se não foi o mais criativo em termos de conteúdo, como são considerados o *Jornal de Vanguarda* (1960/1969), da TV Excelsior, e *A Hora da Notícia* (1972/1980), da TV Cultura, o *JN* criou um padrão de qualidade para a narrativa telejornalística, reunindo o modelo de texto “enxuto” à excelência de captação de imagens. Transformou-se não só em campeão de audiência, como foi o responsável por fomentar um “projeto de Nação”, expresso em séries como *Caravana JN*, de 2006. (COUTINHO; MUSSE, 2010).

### **Nos anos de chumbo, o telejornal ganha cor, mas sob censura**

Em 1972, pela primeira vez, a TV brasileira exibiu as imagens coloridas da Festa da Uva, em Caxias do Sul, RGS, mas pouca gente tinha o aparelho receptor adequado. Ainda havia grandes dificuldades de produção. As gravações das matérias dos telejornais, por exemplo, no início da década de 1970, ainda eram, em sua maioria, feitas em película.

No início dos anos 1970, o jornalismo da Globo começou a usar uma câmera de cinema chamada CP (iniciais do seu fabricante norte-americano Cinema Products). As CPs tinham a vantagem de gravar as imagens e registrar os sons. Eram também menores e mais leves do que as usadas até então. Podiam ser carregadas no ombro e não precisavam da cangalha. O auxiliar do cinegrafista (*sound-recorder*) não tinha mais que transportar o gravador de som, grande e pesado. (MEMÓRIA GLOBO, 2020).

As dificuldades para fazer chegar o material filmado ao seu destino era grande. O repórter cinematográfico Orlando Moreira rememora: “Veja só, naquela época, você ia ao aeroporto e pedia a alguém. E dizia: ‘Olha, eu sou da Globo, não pode abrir que o filme não está revelado’”. Quando a reportagem era no interior do Brasil, mais difícil ainda, como lembrou o repórter Francisco José, em depoimento ao “Projeto William Bonner”, em comemoração aos 50 anos da Globo: “Eles estão falando que iam ao aeroporto, e eu esperava o ônibus, que passava na estrada de terra, que passava lá no meio da seca.”. (apud MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 8).

Em meados da década de 1970, nas principais capitais, começam as primeiras experiências com o uso do videoteipe nas reportagens externas, o que vai trazer mais participação do repórter e mais rapidez entre a captação e exibição das imagens.



Em 1976, a Globo inaugurou o *Electronic News Gathering* (ENG), pequenas unidades portáteis (dotadas de câmeras leves e sensíveis, transmissores de microondas, videoteipes e sistemas de edição) que permitiam o envio de imagem e som direto do local do acontecimento para a emissora. A tecnologia eliminou o tempo gasto com revelação de filmes e facilitou a vida do cinegrafista<sup>7</sup>. (MEMÓRIAGLOBO, 2020).

Com o processo de abertura política, o Brasil aparece mais na TV, mas a censura ainda proíbe que vão ao ar as imagens dos enterros de Juscelino Kubitschek e João Goulart, em 1976 (MUSSE; THOMÉ, 2015), por exemplo. Aquilo que era visto na tela da TV não correspondia ao Brasil real, apesar de várias emissoras como Bandeirantes, Record, e até a já combalida Tupi tivessem lançado programas inovadores de entrevista e debates, no processo da abertura “lenta e gradual” da ditadura civil-militar. Na Globo, alguns dos programas criados na década como *Globo Shell* (1971) e *Fantástico – o Show da Vida* (1973) mostram a ênfase no olhar dos cineastas, e apontam para a tendência ao jornalismo de revista, um híbrido entre informação e entretenimento.

## **A tecnologia digital revoluciona tempo e espaço**

Nos anos 1980, a TV vai vivenciar vários momentos emblemáticos. O Brasil voltar a ser um país democrático, depois de 21 anos de ditadura, procura cada vez mais se integrar à globalização neoliberal, e investe pesadamente na tecnologia digital, o que vai mudar para sempre o telejornalismo. “A chegada dos computadores na redação, no início dos anos 1980, promoveu uma lenta transformação que eclodiria em uma revolução nas décadas seguintes.” (MEMÓRIAGLOBO, 2020). Certamente, estas mudanças foram mais rápidas nos grandes centros, e o digital demorou pelo menos uma década para chegar à maioria das emissoras do interior do país. Mas o sistema de redes de emissoras, com afiliadas pelos diversos estados, criou o modelo brasileiro de se fazer telejornalismo. A Globo, líder de audiência, lançou, em 1985, o *Manual de Telejornalismo* que, durante muitos anos, orientou repórteres, cinegrafistas e editores, quanto aos textos e as imagens que deveriam refletir o padrão de qualidade da emissora. As equipes de jornalismo ganhavam cada vez mais mobilidade, e a programação era agora in-

---

<sup>7</sup> De acordo com o site *MemóriaGlobo*, até o início da década de 1980, 30% das reportagens ainda era produzida em filme 16mm.



terrompida pelos *flashes* do jornalismo, que anunciavam ao vivo as tragédias ou as cotidianas reclamações dos bairros.

Não se pode deixar de citar a criação da Rede Manchete, em 1983, que investiu na excelência da programação jornalística, atraindo para a emissora cineastas como Walter e João Moreira Salles, Nélon Peixoto e Walter Carvalho. Outro programa da Manchete que marcou história foi o *Conexão Internacional*, apresentado por Roberto D'Ávila, em que foram entrevistadas celebridades do mundo inteiro (REZENDE, 2010, p.66). Mas os anos 1980 não fugiram ao popularesco, que se traduziu em programas como *O povo na TV*, veiculado pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT-, e que apostava na fórmula de entrevistas sensacionalistas, fofocas do meio artístico e reclamações de consumidores. (GOULART; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

A década de 1980 popularizou ainda mais os aparelhos de TV. Agora, em uma casa de classe média, cada cômodo tinha um aparelho, e cada membro da família assistia à programação de seu interesse. Não era só isso, as TVs eram acopladas aos videocassetes, que permitem a gravação de programas e a reprodução de conteúdo das fitas VHS, alugadas nas locadoras de vídeo. O aparelho de TV passa a reproduzir não só o que as emissoras comerciais produzem, mas também o que as famílias gravam com suas câmeras compradas em consórcios, e parceladas em até 12 vezes. É uma extensão das funções e possibilidades da já “adulta” televisão.

### **Popularização da internet e o início do fim da centralidade da televisão**

Fim da guerra fria, início da globalização, plano real, impeachment do Collor, notícias não faltaram e a audiência da televisão brasileira, no início da década de 90, ainda estava numa média inacreditável de 60% em relação aos outros meios. Mas, no telejornalismo a hegemonia da Rede Globo foi desafiada pela primeira vez. Os programas popularescos de jornalismo que começaram a surgir na década anterior tiveram seu ponto alto com o *Aqui Agora*, criado pelo SBT em 1991, inspirado no programa argentino *Diário Nueve*. Em algumas poucas edições, o programa conseguiu a façanha de ultrapassar a audiência do mais tradicional telejornal do país, o Jornal Nacional.





E, mesmo sem qualquer tradição em jornalismo, outro formato do SBT também influenciou uma mudança na veiculação de diversos telejornais de várias emissoras e que segue até hoje. O TJ Brasil, que foi ao ar pela primeira vez em 1988, inspirado no jornalismo das emissoras norte americanas, trouxe a figura do âncora e não mais o apresentador para comandar o telejornal no ar. Mas foi ao longo da década de 90 que a diferença do âncora brasileiro se consolidou junto aos telespectadores. Neste caso, o âncora passa a ser alguém autorizado a fazer comentários e a dar opinião sobre as notícias.

Segundo Machado (2000), até então os telejornais no Brasil e no restante do mundo tinham um mesmo fluxo televisual. Utilizando sempre o mesmo repertório de imagens, falando sempre no mesmo tom de voz, o gênero telejornal tornou-se rigidamente codificado pelos produtores e decodificado pelo público. Ainda segundo o autor, mesmo assim o relato seco e sem marcas de enunciação no telejornal padrão envolve uma construção complexa com vários enunciadores. Nesta polifonia estaria a força do telejornal, com vários sujeitos falantes. O apresentador, o repórter, a testemunha (*case*), o especialista e a autoridade, por exemplo.

Há uma certa tendência hoje de chamar de “tradicional” ou “convencional” o telejornalismo de tipo polifônico e de “moderno” ou “pós-moderno” o tipo opinativo. (...) Um telejornal opinativo pode ser teoricamente preferível, uma vez que pode exercer uma influência mais ativa junto à opinião pública e produzir uma mobilização real. Além disso, esse tipo de telejornal deixa entrever mais abertamente os seus compromissos, em lugar de esconder o seu ponto de vista sob a máscara de uma pretensa neutralidade (MACHADO, 2000, p.109).

Outro fato marcante desta década foi a estreia da GloboNews, no dia 15 de outubro de 1996, que marcou o início do jornalismo 24 horas no país. De acordo com Mattos (2002), esta foi a fase da globalização e da TV paga.

A CNN seria o modelo de referência para a criação da GloboNews, uma vez que, além de partir do zero, seria preciso buscar correspondentes no mundo todo. “Se A CNN virou um grande canal, nós também tínhamos uma chance, ainda mais com o apoio da própria Globo”, relembra Alice<sup>8</sup> (PATERNOSTRO, 2006, p. 41).

---

<sup>8</sup> Alice-Maria Reiniger é uma jornalista brasileira que esteve à frente do jornalismo da Rede Globo por cerca de 20 anos. Ela participou ativamente da criação do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e foi a responsável pela criação da *GloboNews*. Em setembro de 2014, Alice-Maria se aposentou. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alice-maria-reiniger/perfil-completo/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.



Roberto Irineu, presidente das Organizações Globo e vice-presidente da Rede Globo na época da criação da *GloboNews*, imprimiu ao novo canal o conceito de grade, já vitorioso na TV aberta. Desse modo, o assinante saberia que poderia assistir a telejornais em todas as horas cheias, além de estar ciente do horário fixo para ver programas de entrevistas, debates e documentários (PATERNOSTRO, 2006). Para Irineu, entretanto, a cobertura ao vivo tinha prioridade sobre todos os programas.

Outro destaque da *GloboNews* foi proporcionar ao telespectador análises e opinião de especialistas:

O papel do comentarista é interpretar os fatos do dia-a-dia com um olhar diferenciado. Ele não reporta ou relata a notícia. Ele vai além. O comentarista analisa a informação a partir da sua maneira de pensar, às vezes de modo mais filosófico ou mais científico, dependendo da experiência profissional (PATERNOSTRO, 2006, p. 231).

Em termos de inovações, as redações das diversas emissoras passaram a contar com uso de unidades móveis de jornalismo para coberturas de grandes eventos. Transmissões de helicópteros e *motolinks* deram maior agilidade, mesmo nas entradas ao vivo. Foi também nos anos 90 que os repórteres e editores passam a contar com o videografismo para a reconstituição dos fatos, aumentando o entendimento da notícia por parte do público. Neste período ainda houve a aposta na criação de editorias, no jornalismo seriado e nas reportagens especiais, o que resultou no aprofundamento das informações (TOURINHO, 2009).

Mas nada modificou tanto as rotinas de produção do telejornalismo quanto a informatização total das redações. Assim, todas emissoras de uma rede passaram a estar interligadas. Alterações do *script*, ligação direta da redação com o *teleprompter*, relatórios de produção e reportagem, tudo ficou disponível para consulta, inclusive em arquivos nos momentos posteriores. E, por fim, a popularização da internet que inicialmente aproximou o telespectador dos produtores de telejornais, com sugestões por e-mails, emitindo opiniões e até colaborando com fotos, vídeos. Mas este era apenas o início de uma revolução que também passou a ser um desafio para conter a audiência.

O que alguns anos atrás poderia ser considerado um “tiro no pé” está acontecendo. Os telejornais remetem seus telespectadores à rede. Não uma ou duas vezes. Sempre! A Internet é parte do telejornal. O telejornal está na Internet, empresta sua audiência à *web* e espera tê-la de volta no momento seguinte. Se isso vai acontecer, ainda não sabemos. São experiências que nos parecem inevitáveis. (TOURINHO, 2009, p. 154).



## Bug do milênio, queda de audiência e um telejornalismo que transborda

Na virada do ano de 1999 para 2000 não se falava de outra coisa, o “bug do milênio” era o temor pela previsão de que todos os sistemas informatizados entrassem em pane uma vez que os calendários internos utilizavam apenas dois dígitos. Então, onde havia 99 passaria a ter 00, o que poderia ser interpretado como 1900. Nada disso aconteceu. Os sistemas foram previamente alterados e não houve problemas graves no mundo. Por outro lado, os índices de audiência na televisão brasileira, estes sim quase entraram em pane.

Para se ter uma ideia de 2000 a 2013, só o Jornal Nacional registrou uma queda de 33% de audiência. De 32 para 26 pontos de média anual, ou seja, um em cada três brasileiros deixou de assistir ao principal telejornal do país, e os dados das demais emissoras não foram mais alentadores<sup>9</sup>. Mas ao contrário do que chegou a ser anunciado como o fim da televisão, passou a ser estudado como uma nova fase ou nova forma de assistir televisão. Os serviços de *streaming*, a *web* e as redes sociais passaram a reproduzir os conteúdos dos telejornais em outras plataformas e dispositivos.

O sistema de sinal televisão digital no Brasil em implantação possibilita mobilidade, portabilidade e interatividade. Enquanto isso não acontece, a convergência digital e, principalmente, a internet estão dando conta da expansão da TV e, por consequência, do telejornalismo.

As emissoras utilizam aplicativos para expandir seu conteúdo na internet e, mais especificamente, nos dispositivos móveis. Em 3 de novembro de 2015, por exemplo, surgiu a plataforma *Globoplay* serviço *streaming* sob demanda. No Seminário Brasil Streaming 2019, evento promovido pelas publicações TELETIME e TELAVIVA, o presidente da plataforma afirmou<sup>10</sup>:

O Grupo decidiu investir na plataforma no médio e longo prazo. (A Globo) é altamente rentável, tem uma dimensão gigante, não está em queda e escolheu focar no *Globoplay*. Não é uma corrida de 100 metros, é uma maratona. Temos um caixa para investir que vai durar 10 anos, então corremos poucos ris-

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.adufal.org.br/conteudo/10662> Acesso em julho de 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://teletime.com.br/23/04/2019/investimento-no-globoplay-e-prioridade-na-estrategia-da-globo/> Acessado em junho de 2019.



cos de mudar de estratégia. O investimento no Globoplay é prioritário e isso nos dá segurança e vantagem competitiva (MESQUITA, 2019).

Além da Rede Globo, hoje estão disponíveis para os usuários aplicativos com a programação, incluindo o telejornalismo, de emissoras como SBT, Band, Record. Também foram criados aplicativos com os conteúdos dos canais de notícias das emissoras de sinal fechado como Globo News, Band News e R7 da Rede Record entre outros.

### **A título de Conclusão: a volta por cima durante a pandemia**

A televisão completa 70 anos de história no Brasil num momento que pode ser passageiro, mas trouxe uma reversão positiva na sua audiência e o motivo foi sem dúvida a pandemia.

O que ninguém imaginou, é que num momento de crise sanitária mundial, o aparelho de televisão retornasse ao lugar de destaque nos lares, a partir do confinamento. Assim como foi no seu início.

São experiências que nos parecem inevitáveis. (TOURINHO, 2009, p. 154). A televisão surgia associada à segurança ontológica das pessoas influenciadas pela simples presença de um aparelho de televisor ligado, e pelos programas repetitivos e esquemáticos que dele fluem. A simples aquisição de um aparelho de TV tinha uma forte influência simbólica na construção da identidade social. A relação entre o lar e a identidade centrada na vivência doméstica era fortalecida através de uma programação baseada na mediação de imagens de domesticidade das novelas, dos programas humorísticos e entretenimento (CORREIA In: SERRA, SÁ, SOUZA FILHO, 2015, p. 41.).

Uma das principais mudanças neste ano, aconteceu nas grades de programação de quase todas as emissoras que apostaram em ampliar o espaço do telejornalismo. O resultado foi um aumento na média de horas dedicadas pelo público brasileiro para assistir televisão que aumentou em uma hora e vinte minutos em abril em relação a primeira semana de março, totalizando sete horas e cinquenta e quatro minutos diários. Uma pesquisa realizada em março pelo Datafolha, durante o período, apontou que 61% das pessoas confiam nas informações sobre a crise veiculadas pelas emissoras de TV, 56% nas informações dos jornais impressos e 50% nas emissoras de rádio. As respostas também



apontaram que apenas 12% confiavam nas informações das redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook*<sup>11</sup>.

O telejornalismo invadiu as grades de programações das emissoras de sinal aberto e fechado e a resposta do público já pode ser sentida nos primeiros meses da pandemia. Ainda em março, O Jornal Nacional da Rede Globo, que tradicionalmente é o mais visto do país, conquistou 37 pontos de audiência na Grande São Paulo, onde cada ponto significa 203 mil pessoas.

Nas emissoras de televisão de sinal fechado houve uma mobilização por abrir o sinal para todos os assinantes, independentemente do valor do pacote. Foi assim que a *GloboNews* passou pela primeira vez, em 25 anos, a liderar o *ranking* dos canais pagos mais assistidos e ultrapassou o *Discovery Kids* que tradicionalmente era o primeiro colocado. A *GloboNews* atingiu este ano a marca de 145.301 telespectadores/ minuto nas quinze maiores regiões metropolitanas do país<sup>12</sup>. Outra novidade foi a chegada da CNN Brasil com o jornalismo 24 horas em canal fechado que não entrou nas medições de audiência uma vez que foi ao ar pela primeira vez no dia 15 de março de 2020, mas certamente alterou o mercado das emissoras de televisão paga e do telejornalismo.

## **Novas rotinas de redação**

Além da ampliação da informação nas grades das emissoras de TV e, principalmente, a expansão dos telejornais, houve uma série de mudanças nas rotinas de produção que podem ser registradas. O distanciamento social e o confinamento dos grupos mais vulneráveis ao coronavírus, pessoas com mais de 60 anos de idade, atingiram os profissionais do telejornalismo. Os âncoras, apresentadores, comentaristas e repórteres, pertencentes a este grupo, passaram a ser vistos pelos telespectadores exercendo suas funções de casa. E os cenários não poderiam ser mais variados, estandes de livros, quadros, plantas e tantos outros detalhes de domesticidade que aproximaram os “emissores

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2020/05/jornalismo-cresce-em-audiencia-na-pandemia-do-coronavirus/> acessado em julho de 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/oops/2020/05/08/com-pandemia-globo-news-ja-lidera-ibope-em-2020-veja-top-30-da-tv-paga.htm> acesso em julho de 2020.



dos receptores”. As entradas ao vivo dependiam do sinal da internet, outra aproximação com o público que já sabe bem como isso funciona.

Nas equipes de externa, os repórteres começaram avisando que haviam retirado as máscaras protetoras apenas para fazer seus boletins e passaram a usá-las mesmo em frente às câmeras. O distanciamento entre os repórteres e entrevistados foi aumentando até que passou a ser necessário entregar um microfone exclusivo para as fontes, algo impensável até então.

Ficou cada vez mais evidente que o ideal era manter os entrevistados no isolamento e as entrevistas realizadas à distância pelos repórteres através das plataformas digitais. Se por um lado as fronteiras geográficas das fontes foram totalmente esquecidas, por outro a tecnologia permitiu mais depoimentos do que entrevistas, mais imagens captadas pelas próprias fontes com as câmeras dos seus celulares e menos qualidade técnica. Sem dúvida, os produtores das notícias em vídeos perderam muito do seu controle sobre o conteúdo.

Talvez, o mais importante, para além das rotinas de produção, foi que estas alterações tiraram o telejornalismo do lugar de conforto e acomodação. Não apenas na forma como no conteúdo. O aumento da audiência trouxe também uma série de cobranças sobre apuração de qualidade, isenção, objetividade, transparência e reponsabilidade diante de números aterrorizantes de casos e mortes. O desafio de dar as informações, mas humanizá-las. Fazer edições quase monotemáticas sem cansar o telespectador ou ser sensacionalista. Enfrentar as cobranças nas redes sociais e, também, nas ruas. Estar na linha de frente e não ser invasivo, no momento de dor das inúmeras famílias atingidas.

E, por fim, num universo de más notícias inevitáveis, o jornalismo e o telejornalismo foram cobrados por estar “muito pesado”, muito alarmista, foram muito contestados. É preciso agora dividir a responsabilidade com o público. A audiência tem que decidir quando ligar a televisão, quando mudar de canal, quando deixar a informação e escolher o entretenimento. Quanto de informação precisa ou deve ter? Mas sem dúvida não pode ficar alienada.



## Referências

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BIAGI, Orivaldo Leme. Imprensa, história e imagens: questões sobre a cobertura da Guerra da Coreia (1950-1953) e do Vietnã (1964-1973). **Revista de História Regional**. 9 (2): 83-110. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/ChristinaAdm/Downloads/218-866-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ChristinaAdm/Downloads/218-866-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 12 jul. 2020.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina Ferraz. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no “Jornal Nacional”. In: **Revista Alterjor**, ano 1, vol. 1, ed. 01, jan/dez. 2010. São Paulo: ECA/USP. p. 1-14. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191/91069>. Acesso em 10 mar. 2020.

**CORREIA, João Carlos. Ubiquidade: a próxima revolução televisiva. In: SERRA, Paulo; SÁ, Sonia; SOUZA FILHO, Washington (orgs.). A Televisão Ubíqua. Covilhã, Portugal: LivrosLabCom, 2015.**

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

GIANUCA, Renato. A guerra na hora do jantar. Observatório da Imprensa, ed. 326, 26 abr. 2005. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/a-guerra-na-hora-do-jantar/>. Acesso em 25 jul. 2020.

GOULART, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: ed. Contexto, 2010.

HOHLFELDT, Antônio. Apresentação – revisão oportuna. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010. p. 23-55.

MELLO, Edna. Nas imagens da memória: a influência do cinejornalismo e da rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. ANUÁRIO Internacional de Comunicação Lusófona. Universidade do Minho, Braga, Portugal: 2011. Acessível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/index>. Acesso em 5 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Na tela da TV Tupi – marcas históricas do telejornalismo brasileiro**. Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande, MS: 2015. Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/sbpjor2015/anais/>. Acesso em 5 jul. 2020.

MEMÓRIAGLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/tecnologia/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. **Repórteres de telejornal: o perfil ditado pela Rede Globo em 50 anos de televisão**. Anais do 13º Encontro Nacional de

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020

.....

Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande, MS: UFMS, 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/schedConf/presentations>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PATERNOSTRO, Vera Ísis. **GloboNews: 10 anos, 24 horas**. São Paulo: Globo, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Editora Insular, 2010. p. 57-81.

SOUZA, Cláudio Mello e. **Quinze anos de história**. Rio de Janeiro: TV Globo Ltda., 1984.

SOUZA, José Inácio de Melo. E as famílias na sala de jantar: aprendendo a ver televisão na década de 1950. **Revista USP**, São Paulo, n.69, p. 159-180. Março/maio 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/ChristinaAdm/Downloads/13522-Texto%20do%20artigo-16497-1-10-20120517.pdf> . Acesso em 24 jun. 2020.

TOURINHO, Carlos. **Inovação no Telejornalismo: o que você vai ver a seguir**. Vitória: EspaçoLivros, 2009.